

# Carros antigos : Paixão que atravessa o tempo

Linda Cindell Pires  
Silva Santos



“N

ão existe carro velho, existe carro mal cuidado ou conservado” diz Manoel Sebastião, 74 anos. O Antigomobilismo (encontro de carros antigos) conquista um público de todas as idades, crianças, jovens e adultos, assim como Sebastião, que acompanhou os veículos que na época eram lançamentos do ano e hoje só existem nas garagens de grandes colecionadores.

Sebastião conta que ficou encantado com o Romi-Isetta estacionado no pátio do Hospital das Clínicas, em São Paulo, por volta de 1962 “Nem sabia que carro que era, tinha vindo do interior há poucos dias”.

Os carros antigos reúnem admiradores, colecionadores e curiosos em todo o Brasil. Em São Paulo, por exemplo, tem encontro, toda terças-feiras, às 19h, no Sambódromo do Anhembi. Já nas proximidades da estação

da Luz acontecem sempre no primeiro domingo do mês. No entanto, independente do local de encontro dos automóveis, a paixão é a mesma.

A paixão é um sentimento profundo, capaz de mudar nosso comportamento e pensamento, e é assim que são arrebatados os admiradores de carros antigos, de forma intensa e viciante.

E essa paixão começou cedo para Paulo Bocagini, professor de Língua Portuguesa, que aos 12 anos foi ao encontro automobilístico no Sambódromo e se apaixonou pelos carros antigos.

Apesar dos carros atuais serem mais seguros e dotados de uma tecnologia mais avançada, a admiração por carros antigos ultrapassa esses e tantos outros requisitos contemporâneos.

Os carros de outrora propor-



cionam aos seus admiradores experiências marcantes. “O primeiro passeio de carro que eu fiz com a minha namorada queimou uma peça, um fiozinho, e fez uma fumaceira desgraçada, a mina pensou que ia morrer. Saiu do carro, desmanchou comigo” diz Loris Batistini, 62 anos, proprietário de um SP2, que ostenta com muito carinho.

Entre os apaixonados por

carros antigos, a opinião de qual seria o carro antigo dos sonhos? Surgem Miura, Puma, Karman-guia, Kombi Corujinha, Opala, Dodge Dart. São diversos modelos que encham os olhos dos apaixonados.

“Os carros antigos são românticos, são obras de arte” diz Loris, cujo o SP2, atualmente, não é utilizado para uso diário, mas sim para exposições em

eventos. Loris é do tipo que coloca a “mão na massa”, vai atrás das peças e reforma seu próprio carro, às vezes perdendo alguns itens de originalidade, porém sem tirar o charme dos carros antigos.

Os admiradores de placa preta, em que o carro tem 80% de originalidade, marcam presença nos encontros. Uma das maiores dificuldades é encontrar peças

originais para os veículos, pois não são mais fabricadas. A busca por essas peças, ou “tesouros”, requer tempo e alguns colecionadores acabam optando por modificar outras peças para usar em seus veículos.

Os carros antigos chamam atenção, com suas cores e curvas exuberantes atraem olhares por onde passam. Para os que pensam em adquirir uma relíquia automotiva, os entrevistados dão algumas dicas: “Junte dinheiro e independente do carro ser reformado por você ou por um mecânico, ame e se apaixone pelo que tem em mãos, uma vez que, são carros únicos e raros, e mesmo com o passar do tempo eles continuam na estrada”.

Os apaixonados por carros antigos não vão deixar que eles sejam extintos, tampouco que sejam intitulados de “velhos”. A paixão ultrapassará o tempo, a tecnologia, a necessidade. Até quem não gosta desse tipo de veículo, pode passar a gostar, porque como canta Cazuza “O tempo não para” e os carros antigos sempre vão existir, afinal, os novos de hoje, serão os antigos de amanhã.



# O tempo levando menos defuntos

Rogério Santana Rodrigues



Familiares chorando em entrevistas, meliantes filmados de cabeça baixa nas delegacias e entrando em viaturas de polícia e delegados explicando circunstâncias de investigações são cenas transmitidas corriqueiramente na televisão brasileira. Com tais imagens veiculadas as nossas antenas, fica difícil de acreditar que o Estado de São Paulo teve uma diminuição de cerca de 43% dos homicídios, segundo o Atlas da Violência de 2017.

O cenário se replica na região oeste do Estado, em que vários municípios tiveram uma

diminuição significativa nas taxas de assassinatos desde 2012, chegando até a incluir uma de suas cidades no ranking das 30 mais pacíficas do país (Santana de Parnaíba). De acordo com dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP-SP), Itapevi revela a maior frequência de assassinatos da região, tendo um índice de mortes de 12,13 por 100 mil habitantes. Esse número está acima do que a Organização Mundial da Saúde considera como epidêmico (10 pessoas/100 mil habitantes). Em segundo lugar está Carapicuíba, cravando



9,34 pessoas falecidas por 100 mil habitantes.

A queda das taxas de homicídios se mantém constante em todas as cidades vizinhas. Jandira, que já ostentou 22,72, em 2014, maior índice dos últimos 05 anos dentre os municípios, atualmente, apresenta uma taxa de

5,96. Osasco saiu da média de 13 vítimas, apresentada em 2012, para 7,26. Cotia também apresentou baixas consideráveis, tendo decaído dos 11,49 falecidos para os 3,92, como mostrado na atualização dos dados.

Os homicídios na região oeste diminuí-

ram substancialmente, desviando sua História do que poderia ser um roteiro de Tarantino. O tempo tem sido benéfico com os moradores pacatos de nossa região, ou os dados precisam ser confrontados com a nossa realidade, caso alguém possa discordar.

Cidade	Taxas/100 mil hab.
Jandira	2012: 20,67 2013: 8,61 2014: 22,72 2015: 11,20 2016: 5,96
Itapevi	2012: 21,20 2013: 16,09 2014: 20,00 2015: 14,16 2016: 12,13
Barueri	2012: 15,89 2013: 9,28 2014: 9,58 2015: 7,11 2016: 8,62
Osasco	2012: 13,00 2013: 12,98 2014: 9,23 2015: 10,40 2016: 7,26
Santana de Parnaíba	2012: 10,48 2013: 9,36 2014: 5,50 2015: 8,06 2016: 3,16
Cotia	2012: 11,43 2013: 13,49 2014: 15,01 2015: 13,73 2016: 3,92
Carapicuíba	2012: 12,81 2013: 13,51 2014: 14,72 2015: 10,96 2016: 9,34

\* Dados da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo

## Tempo da Política e Economia no cotidiano

Osni Egidio



Dentre os vários relógios que conduzem os vivos, há dois que os aprisionam a sociedade: O Relógio da Política e o Relógio da economia.

Ambos medem os instantes, mas cada um tem um tipo de fração, um funcionamento e uma dinâmica.

O Relógio da Economia mede o tempo da necessidade. A necessidade da produção para o consumo.

Cada momento é calculado em uma medida uniforme no instante em

que cada espaço e outro devem ser ocupados pelo trabalho.

Assim como a fome e os desejos não cessam para a economia, o tempo não para.

E o tempo do exato povoado por calculadoras e por coisas. E o tempo do exato, do neutro e do preciso.

Como todo relógio, há um agulhão que pode alterar a velocidade da sua contagem. Às vezes, os pretensos donos do relógio dão corda a mais. E no mesmo espaço de tempo,

se produz e se consome o mesmo, porém em um instante menor. Às vezes é o contrário.

Já o relógio da política mede o tempo, do embate da disputa ou o tempo da agonia. É a medida do tempo de embate para que um tipo de interesse, preferência ou ideologia prevaleça sobre a outra. Esse tipo de relógio tem o seu tempo próprio, ele cessa sem que a terra tenha parado. Quando todos olham para o calendário e dizem: "Sim, hoje é sexta-feira, pois já passa da meia-noite". O relógio da política pode, se for o caso, dizer: "Não, ainda é quinta-feira e assim será até que se decida que é sexta-feira, ou que nesta semana não haja sábado ou domingo e que já seja segunda-feira!". Ele também pode acelerar para além de qualquer medida, atropelando os outros relógios do tempo: Revolução.

Nesse relógio misterioso, sem ponteiros, sem marcas de segundo, minutos e horas, os momentos



são medidos pelo grau de intensidade dos acontecimentos, sucedendo alegrias e tristezas, conquistas e derrotas.

Na paralisia, na revolução ou na indiferença esse contador de tempo apresenta-se como uma ampolheta na qual não se vê o fundo.

As medidas dos tempos, da economia e da

política se relacionam. Há alinhamentos, distorções, influências, ajustes e reajustes. No entanto, eles não se sincronizam. É isso que incomoda os que pretendem a linearidade, neutralidade, em que há intensidade, parcialidade de interesses e de ideologias.

Contudo, o tempo do embate não possui neu-

tralidade.

As idiossincrasias do dia-a-dia, o discurso moralista para outro, e não para si, os fins que justificam os meios, mas também as pressões forçadas nos calabouços, os ideais e a pressão pública são exemplos de como o tempo da política tem uma medida de tempo diferente das outras.

### expediente

O boletim Abenaf é uma publicação da Organização da Sociedade Civil Abenaf (Associação Beneficente de Amparo à Família) inscrito sob o CNPJ 05.679.376.0001-98. Produção dos alunos do curso de jornalismo.

Edição laboratorial - Dezembro de 2017  
Editor responsável: Joel Miranda e Marlene Santos (Lena)  
Diagramação: Jefferson Twister  
Abenaf - Associação Beneficente de Amparo a Família  
Site: [www.abenaf.org.br](http://www.abenaf.org.br)